

1º CONGRESSO DE ESTUDOS RURAIS

'MUNDO' RURAL E PATRIMÓNIO

Imagens da «Planície». Patrimónios, construções sociopolíticas e narrativas turísticas sobre o Alentejo (1933 – 1949).

Ema Pires¹

Universidade de Évora

Abstract

This working-paper deals with the problem of power discourses, regarding the processes of ideological investment in the construction of touristic sites. Taking the dictatorship of *Estado Novo* as the political and cultural setting, I analyse some of the mechanisms underlying the construction of touristic sites in Portugal. The empirical focus is on the establishment of touristic narratives about Alentejo, during the cultural policy known as «*Política do Espírito*» (1933 - 1949). The paper is based methodologically in documental analysis of travel guides.

Key-words: Cultural Heritage; Touristic narratives; «*Política do Espírito*»; Alentejo.

O presente *working-paper* constitui uma primeira aproximação à problemática do turismo enquanto veículo de poder político-ideológico e instrumento de propaganda política. Tem como cenário temporal as décadas de 1930 e 1940, e como contexto político-ideológico o Estado Novo e em particular a política cultural do Secretariado de Propaganda Nacional², designada neste período por «*Política do Espírito*».

Especificamente, interessa-me o estudo dos processos de investimento ideológico na construção de locais turísticos e o consequente “estabelecimento de narrativas a respeito do interesse da “atração” a ser visitada” (Castro 1999: 81). Parto, portanto, do pressuposto de que o “seu reconhecimento como “turístico” é uma construção cultural – isto é, envolve a criação de um sistema integrado de significados

¹ Agradeço aos Professores Doutores Maria de Fátima Nunes e Francisco Martins Ramos (Universidade de Évora) os comentários à versão inicial deste texto.

² O Secretariado de Propaganda Nacional é criado em 1933. Em 1944 este órgão sofre uma reestruturação e passa a denominar-se Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (denominação politicamente mais correcta dada a conjuntura bélica de então). Ao mesmo tempo, a mesma “desestabilização provocada pela guerra serve de pano de fundo para uma ampliação no raio de acção interna do Secretariado” (Paulo 1994: 76). Também a sua estrutura se complexifica: “A repartição de Informação possui quatro secções, a saber, a de estudos e difusão de informações, imprensa portuguesa, imprensa estrangeira e a de intercâmbio luso-brasileiro. Dela dependem a Biblioteca, o Arquivo Fotográfico e os Postos de Radiodifusão. A “Repartição de Cultura Popular” agrupa três secções: 1) exposições e realizações diversas; 2) cinema; 3) etnografia, teatro e música. A Repartição de Turismo inclui as secções de turismo geral, local e indústria hoteleira” (Paulo 1994: 79).

através dos quais a realidade turística de um lugar é estabelecida, mantida e negociada" (Castro 1999:81). A um nível mais vasto, considero o património, na acepção de Llorenç Prats, como uma construção sociocultural, determinado "pelo seu carácter simbólico, pela capacidade de representar simbolicamente uma identidade" (Prats 1997: 22). Esta identidade é produzida, legitimada e cristalizada em "repertórios patrimoniais adjectivados" por múltiplos agentes sociais, tendo à cabeça o poder político³ (Prats 1997: 33).

Entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX o turismo dava os primeiros passos em Portugal; à semelhança do que ocorreu em outros locais, as narrativas turísticas que então ajudaram a desenhar o 'país a visitar', tinham como uma forte componente a representação da alteridade⁴. Como refere Orvar Löfgren, "early tourism thus is very much about establishing norms and genres of representation" (Löfgren 1999: 26), e segundo este autor "the tourist pioneers were eager to draw the line between themselves and uneducated others" (Löfgren 1999: 26). Na representação do mundo do 'outro' pelos autores das narrativas estão em jogo vários elementos processuais. Segundo Chris Rojek, todos os locais turísticos são alicerçados em distinções que os demarcam como extraordinários, existindo um processo cultural de demarcação entre *extraordinário* vs. *ordinário*, "reforçado por códigos representacionais e por rotinas de *sight-seeing*" (Rojek 1997: 70) e em que a relação do turista com o local visitado é também sempre culturalmente "mediada" (Rojek 1997: 70).

O presente texto fundamenta-se metodologicamente na análise documental exploratória de guias de viagem como fonte principal. Estes documentos constituem fontes vitais na construção da natureza turística de um local, na medida em que cartografam e cristalizam imagens turísticas dos espaços representados⁵.

³ Segundo Prats, "En un plano abstracto podríamos decir que estos repertorios pueden ser activados por cualquier agente social interesado en proponer una versión de la identidad y recabar adhesiones para la misma. Ya en el plano de la realidad social, debemos decir que, en todo caso, no activa quien quiere, sino quien puede. Es decir en primer lugar, los poderes constituidos" (Prats 1997: 33).

⁴ Um exemplo deste facto, no contexto português, é fornecido pela análise de Sousa Martins (1999) acerca da construção de identidades nos Açores oitocentistas. Segundo este autor, a formação das consciências identitárias nas elites locais açorianas foi alicerçada "em representações da diferença, da singularidade, e do valor de inúmeros aspectos da realidade natural e cultural das ilhas" (Martins 1999: 35). Os criadores destas representações – visitantes estrangeiros, continentais e residentes insulares – produzem narrativas de viagens que retratam, entre outros, uma "natureza edénica, relevando a *beleza romântica e pitoresca* das paisagens" (Martins 1999: 35).

⁵ Segundo Marc Boyer, e tendo como cenário temporal o século XIX, "os guias impõem estereótipos, as paisagens são pitorescas ou românticas" (Boyer 1996: 57).

No contexto político-cultural em análise⁶ encontramos “o turismo, cuja indústria o SPN/SNI quis igualmente “desenvolver e nacionalizar”, ora por intermédio de “pequenas lições” das suas Brigadas Hoteleiras ora, na procura de “dar mais graça à paisagem” (Ramos do Ó 1999: 194). A Paisagem surge assim instrumentalizada como uma metáfora da Nação⁷, e dos discursos de poder que lhe subjazem.

Itinerários e «Lugares de Peregrinação»

De um modo geral, as imagens de Portugal veiculadas pelos guias de viagem analisados traçam itinerários que procuram ser “roteiros do País”, com partidas da metropolitana Lisboa e deambulações selectivas pelas várias “províncias” portuguesas. Em articulação e complementaridade com os textos encontram-se geralmente elementos de contextualização pictórica, sob a forma de mapas, figuras e/ou fotografias. Em relação aos eventuais leitores destas narrativas, infere-se que são destinatários nacionais e estrangeiros, maioritariamente de proveniência urbana e educacionalmente instruídos⁸. Na construção destas narrativas, os autores dos guias colocam geralmente a ênfase descritiva no património construído de carácter monumental, na tipicidade da paisagem, e nos “tipos” etnográficos existentes regionalmente. A História vs. Memória, a Paisagem e a Etnografia parecem ser assim os principais recursos turísticos inventariados. Num *Guia de Portugal* publicado em 1880, o autor nota que

“Tratando-se de publicar a descripção de varios monumentos, e edificios do reino de Portugal, afigura-se um dever essencial principiar essa publicação, dando uma notícia breve e a largos traços, da origem, fundação, e existencia do paiz de que se deseja fazer conhecidas as suas edificações, os seus monumentos, e as suas bellezas” (Almeida 1880: 3).

⁶ Em complementaridade com os guias de viagem, também a revista *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo* constitui uma das fontes preferenciais na análise da problemática do turismo em Portugal durante a «Política do Espírito». Enquanto publicação de natureza cultural, artística e turística do SPN/SNI, esta revista veicula mensagens das imagens oficiais que a propaganda queria dar do país, com todas as construções sociopolíticas que lhe estão subjacentes.

⁷ Da nação enquanto comunidade imaginada, na acepção de Benedict Anderson (1999).

⁸ No *Guia* de Raúl Proença o destinatário é “o português culto” (Proença 1924: LXI). Outros guias procuram, num enfoque mais específico, ir ao encontro de objectivos motivacionais específicos dos viajantes e turistas, ao “suministrar datos prácticos y completos al creciente número de los que, bien por motivos de índole sentimental, artística, de instrucción y aun de lucro, bien por puro recreo, deseen conocer las bellezas y recursos incontables que atesora el antiquísimo y privilegiado suelo de Hesperia” (Lopez 1924: 7).

Pretendendo enfatizar as qualidades turísticas de Portugal⁹ - clima, história e carácter dos habitantes – é realizada uma descrição sistemática do país “em relação ao valor e índole dos seus habitantes, do seu espírito de independência; do seu clima e posição; da sua divisão; do seu governo; da sua administração financeira, da sua religião e do seu idioma.” (Almeida 1880: 6). Os monumentos inventariados por este autor (Almeida 1880) constituem geralmente “lugares de memória” da História da Nação. Especificamente na inventariação dos recursos turísticos do Alentejo é privilegiada a visita a sítios ricos em património construído (Castelo de Alvito, Templo de Diana) e ainda de locais onde se desenrolaram batalhas históricas (Ameixial, Montes Claros).

Também Raúl Proença irá privilegiar, no *Guia de Portugal*, a descrição de locais “que a história, a lenda, a beleza ou a arte tenham instituído em forçados lugares de peregrinação para todo o coração lusitano” (Proença 1924: LX). No mesmo ano, é publicado em Madrid um guia de Espanha e Portugal (Lopez 1924: 7), que descrevendo itinerários e tipos de mobilidade nos dois países (embora com maior peso para Espanha) enfatiza os recursos turísticos da Península Ibérica:

“su hermoso cielo, variados y pintorescos paisages, exquisitas producciones y típicas costumbres, es, además y principalmente, un imenso museo de antigüedades y obras de arte, en el que todas las grandes civilizaciones históricas han dejado recuerdos de singular valor, y con frecuencia únicos” (Lopez 1924: 7).

Já o *Guia do Turista em Portugal*, publicado em 1932, propõe uma lição pedagógica mais explicitamente ideológica de «como se visita Portugal», salientando que o país

“oferece uma tal variedade de paisagens, de tipos, de costumes, dentro, aliás, de uma grande unidade de raça, que aos viajantes são sucessivas as mais variadas impressões, havendo apenas em comum em todo o país um clima excepcional, uma grande luminosidade de atmosfera e um céu quasi sempre dum azul intenso e deslumbrante” (*Guia* 1932: 7).

⁹ O autor enfatiza querer “dar uma idéa aproximada do nome e origem de um paiz cuja formosura, doçura de clima, e bonhomia dos seus habitantes, é digno de ser conhecido, e quiçá mais do que é, mesmo, para que os estranhos o avaliem” (Almeida 1880: 4)

Mas as imagens turísticas de Portugal adquirem uma maior cõr político-ideológica na *Cartilha da Terra Portuguesa*, de António Ferro (1950). O ideólogo da Política do Espírito” concebe uma “brochura” turística como um “catecismo” de beleza, onde nos surge um país de leitura fácil simplificado à luz dos discursos da propaganda, pelo meio de um conjunto de “itinerários fundamentais de Portugal, índice dos seus valores históricos, paisagísticos e pitorescos” (Ferro 1950: 6). Segundo o autor,

“Há muito que se fazia sentir a necessidade duma brochura prática, manejável, de algibeira, em que os turistas nacionais e estrangeiros se pudessem aperceber, rapidamente, do essencial da terra que visitam, entre dois comboios ou numa paragem curta de automóvel: os seus mais belos panoramas, monumentos principais, festas típicas, hotéis ou pousadas, as próprias especialidades culinárias. [...] Consulte-se, portanto, a «Cartilha da Terra Portuguesa» como se consulta um ficheiro que nos indica modestamente os dados essenciais do problema que desejamos tratar ou até as próprias fontes onde devemos ir beber. Seja como for, esta edição singela do Secretariado será, doravante, uma obra indispensável, de iniciação, para todos os devotos da nossa Pátria, o catecismo da sua Beleza...” (Ferro 1950: 6-7).

Esta obra constitui-se então, à luz dos discursos de poder do aparelho de propanda do Regime Anterior, como o «A B C» do turismo nacional. A obra é concebida sob a forma de um guia de consulta rápida, estruturada de modo a contemplar a totalidade do território nacional. Depois de uma contextualização introdutória do país, em que se mostra um “Portugal Continental” epidermicamente caracterizado¹⁰, o leitor é convidado a sobrevoar a urbanidade e monumentalidade de “Lisboa e Porto”, após o que parte para a “Província” e “Ilhas Adjacentes”, universos paisagísticos rurais e «pitorescos» do país imaginado.

Monólogos da Planície

Albert-Alain Bourdon chama a atenção para a valorização de norte do país nas imagens literárias e etnográficas do mundo rural português do séc. XIX e início do séc. XX, em contraste com o silêncio face ao sul¹¹ (Bourdon 1985: 366). Numa leitura do

¹⁰ Nesta cartografia do país são evidenciadas a sua caracterização geográfica, etnográfica, historico-artística e ainda as divisões administrativa, eclesiástica e judicial do território.

¹¹ Por contraste, “l’Alentejo apparaît comme un espace indéfini, non cloisonné, simple dans sa structure agraire et dans sa structure sociale.” (Bourdon 1985: 366). O desequilíbrio norte/sul na investigação etnográfica em Portugal é também anotado por outros autores (Ramos 1997; Leal 2001).

sul, na óptica do olhar de que tem sido alvo pelas ciências sociais, João Leal realiza uma interessante análise acerca das imagens do Portugal mediterrânico veiculadas por três autores (Orlando Ribeiro, Jorge Dias e José Cutileiro), sugerindo que os discursos pastorais e contra-pastorais se relacionam com “construções ideológicas mais abrangentes sobre a identidade nacional” (Leal 2001: 141-142). Segundo o autor, à semelhança de outras formas modernas e ocidentais da pastoral, surgidas desde o século XVIII, “as construções arcadianas e contra-arcadianas com origem nas ciências sociais estão intimamente ligadas a processos de emblematização da identidade nacional, nos quais a ruralidade se apresenta como uma metáfora da nação” (Leal 2001: 142). João Leal sugere, por isso, que “as diferentes valorações do Portugal mediterrânico¹² podem ser vistas, antes de mais, como fruto de um conjunto de atitudes ideológicas face ao campo, ao seu significado moral e às políticas da sua representação” (Leal 2001: 152).

É talvez nesse contexto que, no decorrer da 2ª metade do século XIX, é construída no debate nacional uma visão que Albert-Alain Bourdon classifica de “utópica”, “mítica” do Alentejo¹³ (Bourdon 1985: 367). Como solução a uma conjuntura socioeconómica de crise e de debate intelectual sobre modelos de desenvolvimento agrário, edifica-se a imagem de um Alentejo “celeiro” do trigo que alimenta Portugal¹⁴, imagem essa que não desaparece com a chegada do Estado Novo (Bourdon 1985: 375), reciclando-se à luz de novos discursos de continuidade.

¹² Em Orlando Ribeiro, pastoralista, “o Mediterrâneo era essencialmente uma paisagem, isto é, um lugar onde as maravilhas da natureza poderiam ser devidamente apreciadas a partir do ponto de vista do *connoisseur*. (Leal 2001: 152-153). Neste contexto valorativo, o Mediterrâneo imaginado por Ribeiro caracteriza-se, em grande medida, pelo “arcaísmo”, e o “progresso era considerado a principal ameaça a estes prazeres” (Leal 2001: 153).

¹³ A conjuntura sociopolítica e económica de então terá sido fortemente condicionadora desta imagem: “La perde du Brésil, si douloureuse pour l'équilibre financier du Portugal qui limite ses importations, et l'essor, quoique modeste encore au regard des autres pays européens, de la démographie qui accroît ses besoins alimentaires alors que la production céréalière stagne, eurent pour effect d'inciter les responsables à chercher une solution nationale à ces problèmes. L'Entre-Douro-e-Minho, voire le Trás-os-Montes ou la Beira, apparaissent comme des sociétés bloquées par la pression démographique même qui ne trouve son exutoire que dans l'émigration temporaire ou définitive. Seul l'Alentejo avec ses vastes espaces déserts, et sa faible démographie permettait d'espérer un essor rapide de sa production” (Bourdon 1985: 367).

¹⁴ Fundamentando historicamente o mito, “Les historiens rappellent même alors que cette province, quadrillée par de riches *villae rusticae*, était, avec la Bétique, le véritable grenier à blé de la Lusitânia” (Bourdon 1985: 367).

Também segundo Jorge Gaspar, as décadas de 30 e 40 do séc. XX são um “período de “enchimento” da mítica Região: em tempo de crises o Alentejo volta a ser o celeiro de Portugal, a tal “Terra de Promissão” como lhe chama um dos autores (Mário Novais) a que recorre Mário Nunes Vacas. Estávamos nos anos 30, fechadas as portas à emigração o alentejo representava uma das estreitas saídas para os camponeses, pobres de terra e de pão, do Portugal Central e das serras do Norte e do Algarve” (Gaspar 2000: s.p.). Uma leitura da região durante o período temporal acima referido é justamente dada por Mário Nunes Vacas que, numa perspectiva antropogeográfica, descreve e caracteriza a região, enfatizando a “monotonia” da paisagem¹⁵ e elegendo, dentro desta, a herdade como uma das suas características mais “típicas” (Vacas 2000: 23). As narrativas sobre o Alentejo patentes nos guias de viagens parecem inserir-se numa continuidade em relação aos contextos representacionais acima abordados. E a História, Paisagem e Etnografia são também os pincéis preferenciais utilizados na construção turística da região.

No Alentejo a “Paísagem” é domesticada e toma a forma de “Planície”. Uma «Planície que sonha e que trabalha», em que a região é, também turisticamente, representada como o «Celeiro de Portugal». Enfatiza-se o “silêncio” das extensas searas e a “monotonia campestre” da paisagem transtagana. Como refere um *Guia de Portugal e Espanha*,

“La parte alentejana del territorio más al sur del Tajo viene a ser como la Mancha portuguesa: una ancha zona, llena de aridez monótona y de espacios interminables. Tierra de secano, con trigales inmensos y arboledas incontables. Tiene una seca belleza, rude y escueta, sin verdes praderas ni rumorosos arroyos. Tan diferente del Portugal central y septentrional, que otro país parecería recorrer al viajero” (Raimundez 19_: 992).

¹⁵ “À medida que nos afastamos dos centros dos povoados, a propriedade rústica vai tomando novas características; e, decorridos alguns quilómetros, encontramos-nos no âmago das herdades, lá onde a monotonia da paisagem e o silêncio dos campos só de longe em longe são quebrados por um rancho de trabalhadores ou por um rebanho de gado, vigiado por seus maiores.

As herdades põem-nos, na realidade, em contacto com os aspectos mais típicos da paisagem alentejana, quer alargando-se em extensas terras de sementeira completamente desarborizadas e onde a vista, espalhando-se por larguíssimos horizontes, só se detém de encontro a alguma logíngua serrania, quer mostrando-nos, aqui mais compactas, além mais ralas e espaçadas, as manchas negras dos seus *montados*. Mais característico, porém, do que tudo isto são os edifícios construídos no seio das herdades e conhecidos pela designação de *montes* – os *montes* alentejanos – edifícios sementados na solidão dos campos e perdidos pelos longes, mal se avistando uns aos outros” (Vacas 2000: 23).

Uma paisagem rural que coexiste, contudo, em perfeita simbiose com um património monumental e etnográfico igualmente ricos, segundo o mesma fonte:

“Sin embargo, a pesar de esta sequedad y monotonía campestre no decae ni un instante el interés turístico de la región. Históricas ciudades y villas, sembradas de recuerdos históricos y de realidades arquitectónicas. Costumbres pintorescas, vestidos típicos, canciones y bailes raros y atractivos. Évora ha sido llamada no sin razón el paraíso de los arqueólogos. Completan su riqueza las ciudades de sus alrededores: Vila Viçosa, Estremoz, Borba, Arraiolos, etc. Beja es una de las más antiguas ciudades del país; Portalegre, un relicario del barroco lusitano; Elvas, una grandiosa y inasequible plaza fuerte [...]” (Raimundez 19_: 992).

Na hierarquização do património monumental da região a cidade de Évora surge, de um modo geral, no topo da hierarquia. De acordo com o *Guia do Turista em Portugal*

“Évora é uma cidade e a povoação mais importante do Alentejo. [...] É uma cidade e a povoação mais importante do Alentejo. É servida pela linha férrea do Sul, estando também ligada a Lisboa por carreiras diárias de automóveis. É uma cidade de aspecto absolutamente particular. O pitoresco inegalável das suas construções, onde predominam a cal, o telho e o azulejo, a irregularidade do traçado das suas ruas, a indisciplina construtiva das suas edificação dão-lhe um interesse excepcional acrescentado ainda pelo tipo, pelo traje e pelo carácter da sua população” (*Guia* 1932: 57).

A um nível mais abrangente, é salientado o papel da província na história do país, desde o período de formação da nacionalidade até à época contemporânea. Segundo um guia turístico publicado na década de 1940, certamente eivado da conjuntura das comemorações centenárias, “a província de Entre Tejo e Odiana, como se dizia no século XVI, foi sempre teatro das mais notáveis cenas construtoras da nacionalidade” (Sequeira 194_: 10). Mas se a «História e os Monumentos» constituem recursos turísticos a inventariar, também a Etnografia e os «Usos e Costumes» têm nestas narrativas uma presença recorrente. Inventariam-se actividades agrícolas e artesanais e descrevem-se universos bucólico-pitorescos povoados por “tipos alentejanos” (ceifeiras, pastores) “típicos” da região. E sobre o «carácter» dos habitantes do Alentejo, refere-se que são “francos e hospitaleiros” (Lopez 1924: 712) e, segundo um guia publicado na década de 1940,

“Ganha a confiança, ninguém [é] mais acolhedor do que o Alentejano. Franqueia a sua sala [...] e dá-se a quem o procura. O «Monte», cabeça da herdade, abre-se com as revelações do pitoresco dos interiores da região, e seja nos lombos das serras como nas planícies, no campo como nos povoados, a alma alenteja mostra-se tal qual é” (Sequeira 194_: 9).

No processo de produção de identidades turísticas em Portugal, e em particular no Alentejo, as narrativas turísticas presentes nos guias de viagem analisados exploratoriamente, remetem para o estabelecimento de normas de representação categorizáveis na Paisagem, na História/Memória e na Etnografia. Estes elementos são instrumentalizados e cristalizados à luz de discursos de poder de um regime político em fase de consolidação, e que visa desenhar turisticamente um país hospitaleiro e rural, obediente aos valores do ideário do Regime.

Ao nível específico das representações sobre o Alentejo, a construção polifónica da imagem da sociedade rural alentejana, operada com base numa multiplicidade de agentes, é emudecida selectivamente à luz dos discursos representacionais apresentados. Num processo mais vasto de formatação da paisagem, a «Planície» é maquilhada ideológica e turisticamente, num contraste nítido entre a paisagem idílica da ruralidade transtagana apresentada pelos guias de viagem e o mundo rural expresso na literatura¹⁶.

Nesse processo de ‘invenção’ da paisagem rural, silencia-se a diversidade mostrando ao leitor/visitante um território rural paisagística e identitariamente homogéneo – uma «Planície» serena, pitoresca e fértil, habitada por um «Povo» trabalhador, hospitaleiro e obediente. Estas representações parecem inserir-se num processo mais abrangente de construção sociopolítica de Portugal, em que Turismo e Património Cultural se apresentam como “montras do país” e “metáforas da Nação”.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, F. J. de. 1880. Guia de Portugal. vol. I, Lisboa: Typographia da Casa de Inglaterra

ANDERSON, Benedict. 1999 (1983) *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. London: Verso.

¹⁶ Veja-se, a propósito, Da Fonseca (1991), Saramago (1999) ou Cutileiro (1977).

- BOURDON, Albert-Alain. 1985. "L'Alentejo, espace mythique ou nouvelle frontiere?", Actas do Colóquio *Les Campagnes Portugaises de 1870 a 1930: Image et Realité*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, 365-378.
- BOYER, Marc. 1996. *L'invention du tourisme*. Paris: Gallimard.
- CASTRO, Celso. 1999. "Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro". In G. Velho (org.) *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 80-87.
- CUTILEIRO, José. 1977. Ricos e Pobres no Alentejo. Lisboa: Sá da Costa Editora.
- Da FONSECA, Manuel. 1991 (1958). *Seara de Vento*. Lisboa: Editorial Caminho.
- FERRO, António. 1950. *Cartilha da Terra Portuguesa*. Lisboa: Edições S.N.I.
- Guia do Turista em Portugal*. 1932. s/ed; s/l.
- GASPAR, Jorge. 2000. "Nota de Apresentação". In M. Vacas, *Aspectos Antropogeográficos do Alentejo*. Lisboa: Edições Colibri.
- LEAL, João. 2001. "Orlando Ribeiro, Jorge Dias e José Cutileiro: imagens do Portugal mediterrânico". *Ler História*, 40, 141-163.
- LÖFGEN, Orvar. 1999. *On Holiday: a history of vacationing*. Berkeley: University of California Press.
- LOPEZ, Enrique. 1924. *España y Portugal: manual del viagero y del Turista*. Madrid: Ed. autor
- MARTINS, Rui de Sousa. 1999. "Os costumes populares e a construção oitocentista de identidades no arquipélago dos Açores". *Patrimonia: Identidade, Ciências Sociais e Fruição Cultural*, nº 5, 35-44.
- PAULO, Heloísa. 1994. *Estado Novo e Propaganda em Portugal e no Brasil. O SPN/SNI e o DIP*. Coimbra: Livraria Minerva.
- PRATS, Llorenç. 1997. *Antropología y patrimonio*. Barcelona: Editorial Ariel, S. A.
- PROENÇA, Raúl (Coord.) 1924. *Guia de Portugal*, 1º volume, Lisboa: Biblioteca Nacional.
- RAIMUNDEZ, M. Sanmiguel (Dir.) 19__ . *Portugal y España*. Madrid: Afrodísio Aguado, S. A.
- RAMOS, Francisco. 1997. *Os Proprietários da Sombra. Vila Velha revisitada*. Lisboa: Universidade Aberta.

RAMOS DO Ó, Jorge. 1999. *Os anos de Ferro. O dispositivo cultural durante a "Política do Espírito" 1933-1949*. Lisboa: Editorial Estampa.

ROJEK, Chris. 1997. "Indexing, dragging and the social construction of tourist sites".
In C. Rojek e J. Urry (Edits.) Touring cultures. Transformations of travel and theory. London: Routledge, 52-74.

SARAMAGO, José. 1999 (1980) *Levantado do Chão*. Lisboa: Editorial Caminho.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos. 194_. *Alentejo*, Lisboa: Shell Portuguesa.

VACAS, Mário Nunes. 2000 (1944) *Aspectos Antropogeográficos do Alentejo*. Lisboa: Edições Colibri.